

# Arditti Quartet

22 Abr 2018

18:00 Sala 2

-

MÚSICA & REVOLUÇÃO

ANO ÁUSTRIA

**Irvine Arditti** *violino*

**Ashot Sarkissjan** *violino*

**Ralf Ehlers** *viola*

**Lucas Fels** *violoncelo*

## Anton Webern

*Langsamer Satz* [Andamento lento]

para quarteto de cordas (1905; c.8min)

Trio, op. 20

para violino, viola e violoncelo (1926-27; c.9min)

1. *Sehr langsam* [Muito lento]
2. *Sehr getragen und ausdrucksvoll*  
[Muito solene e expressivo]

Quarteto de cordas, op. 28 (1936-38; c.8min)

1. *Mäßig* [Moderado]
2. *Gemächlich* [Sossegado]
3. *Sehr fließend* [Muito fluído]

Cinco andamentos, op. 5

para quarteto de cordas (1909; c.11min)

1. *Heftig bewegt* [Fortemente agitado]
2. *Sehr langsam* [Muito lento]
3. *Sehr bewegt* [Muito agitado]
4. *Sehr langsam* [Muito lento]
5. *In zarter Bewegung*  
[Em movimento suave]

Seis bagatelas, op. 9

para quarteto de cordas (1911-13; c.4min)

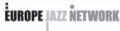
1. *Mäßig* [Moderado]
2. *Leicht bewegt* [Levemente agitado]
3. *Ziemlich fließend* [Bastante fluído]
4. *Sehr langsam* [Muito lento]
5. *Äußerst langsam*  
[Extremamente lento]
6. *Fließend* [Fluído]

ANTON WEBERN: IMERSÃO TOTAL III



casa da música

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## Anton Webern

VIENA, 3 DE DEZEMBRO DE 1883

MITTERSILL (SALZBURGO), 15 DE SETEMBRO DE 1945

### Webern camerístico: do Romantismo ao serialismo

O programa do presente recital é constituído por obras de câmara para instrumentos de corda de Anton Webern, atravessando várias fases da sua produção. A música de câmara estabeleceu-se como um importante campo de experimentação para os compositores da Segunda Escola de Viena. Os trios, os quartetos, os ciclos de *lieder* e as peças para instrumentos solista e piano foram fulcrais no desenvolvimento das linguagens modernistas associadas a Arnold Schoenberg, Anton Webern e Alban Berg. Por exemplo, o Quarteto para cordas n.º 2 de Schoenberg, escrito em 1908, marca a passagem gradual de uma abordagem tardo-romântica da tonalidade para o pantonalismo, isto é, a ausência de um centro tonal. Paralelamente, inclui um soprano nos últimos andamentos, que canta poemas do simbolista alemão Stefan George. George foi um importante divulgador das novas correntes literárias, tendo frequentado os serões de Stéphane Mallarmé. Curiosamente, Schoenberg recorre a outros poemas de George neste período, nomeadamente no ciclo de canções *O livro dos jardins suspensos*. O jovem Webern também se inspirou em George, tendo musicado alguns dos seus poemas na obra coral *Entflieht auf leichten Kähnen* op. 2 e nos ciclos de *lieder* opp. 3 e 4. Retornando à música de câmara, o Quarteto op. 3 de Alban Berg, escrito em 1910, marca a sobreposição das linguagens românticas com o modernismo pantonal emergente. Assim, um género desenvolvido no Classicismo e no



Romantismo toma novas paletas de cores no alvor do século XX. O jovem Webern cultivou diversas formas de música de câmara, com destaque para peças destinadas a trio e a quarteto de cordas. As obras incluídas neste recital foram compostas entre 1905 e 1938, transitando de uma linguagem tardo-romântica para o dodecafonismo serial, atravessando o pantonalismo.

Este percurso começa nos anos em que Webern estudava com Schoenberg. Na altura, encontrava-se a concluir o doutoramento em Musicologia na Universidade de Viena e a cortejar Wilhelmine Mörtl, com quem veio a casar. Durante a Primavera de 1905, Webern e Wilhelmine passearam por Waldwinkel, na Áustria rural, encontrando-se muitas referências a esse período idílico no diário do compositor. Webern inspirou-se nesse passeio, tentando traduzir esse envolvimento com

Wilhelmine e com a Natureza indómita em **Langsamer Satz**. A obra, composta em 1905, é um excelente exemplo do estilo de juventude de Webern, um tardo-romantismo que mistura longas linhas melódicas numa trama contrapontística rigorosa. Assim, as resoluções dos percursos harmónicos encontram-se diferenciadas pela interacção entre as diversas vozes. Escrita numa forma A-B-A com coda, *Langsamer Satz* alterna momentos de tensão e de distensão. As secções A contêm o tema principal e encontram-se escritas numa textura esparsa que se adensa progressivamente. Dessa forma, contrasta significativamente com algum estatismo presente na secção B. O retorno do A, transformado pelo compositor, conduz ao clímax de intensidade da obra. Posteriormente, esse auge expressivo é lento e progressivamente submergido na trama contrapontística, que se torna menos densa e intensa até desaparecer na coda.

*Langsamer Satz* foi estreada a 27 de Maio de 1962 – muito depois da morte de Webern – em Seattle, nos Estados Unidos da América.

Os **Cinco andamentos op. 5** encarnam outra fase estilística do compositor, a do pantonalismo. A partir do final da década de 1900, a Segunda Escola de Viena enveredou por um caminho com forte influência do Expressionismo pictórico, afastando-se dos modelos do tonalismo romântico. Dessa forma, valorizou a associação e a derivação livre dos materiais musicais, criando um estilo que associa expressividade a brevidade. Contudo, a ausência de um centro tonal colocou importantes desafios para os compositores associados à Segunda Escola de Viena.

O ano de 1909 foi bastante produtivo para Webern. Pouco após o fim dos estudos com Schoenberg, escreveu o ciclo de canções

com poemas de Stefan George, op. 4, os *Cinco andamentos* op. 5 e as *Seis peças para orquestra* op. 6. Paralelamente, desempenhou o seu primeiro cargo de director de orquestra, apresentando operetas na estância termal de Bad Ischl. Os *Cinco andamentos* foram estreados em Viena, a 8 de Fevereiro do ano seguinte, encarnando uma abordagem aforística e pantonal característica da época. A primeira peça destaca-se pelo som obtido pelos *pizzicati* e pela colocação do arco próximo ao cavalete dos instrumentos, criando uma superfície de densidade variável na qual melodias sinuosas e líricas emergem por entre os contrastes dinâmicos. A peça seguinte tem um carácter mais lírico, em que uma melodia é acompanhada pelo timbre das cordas abafadas pela surdina. Aqui, o lirismo contemplativo é pontuado pelas construções verticais do quarteto. Os *pizzicati* regressam na terceira peça, na qual se destaca a percussividade dos *ostinati*. Uma atmosfera rarefeita é apresentada na quarta peça, em que se destaca a expressividade das melodias angulares e líricas. A obra termina com uma peça baseada num ostinato grave, potenciando uma abordagem vertical e estática na qual as variações de timbre e de dinâmica ocupam um lugar importante.

As **Seis bagatelas op. 9** foram escritas em duas fases. Os esboços levam a crer que os andamentos dois a cinco tenham sido escritos em 1911, como um quarteto de cordas. Em 1913, Webern escreveu a primeira e a última bagatela como andamentos de outro quarteto. Assim, misturaram-se duas obras projectadas que encarnam o estilo aforístico do pantonalismo weberniano. Estreadas a 19 de Julho de 1924 no prestigiado Festival de Donaueschingen, as peças revelam a paleta expressiva ao serviço de Webern, apresentando uma complexa

mescla de texturas e contrastes. A obra foi dedicada ao seu colega Alban Berg com a epígrafe *non multa sed multum* (“pouca quantidade e muito conteúdo”, numa tradução livre), que descreve magistralmente as Bagatelas.

A primeira peça é uma miniatura contrapontística que recorre à surdina e aos harmónicos dos instrumentos e em que a disjunção de várias atmosferas comporta grande carga expressiva. Na peça seguinte destaca-se a angularidade e o pontilhismo, com os *pizzicati* a brilharem no registo agudo. A brevidade da terceira peça com os seus *tremolos* antecipa os ritmos contrastantes e irregulares do momento seguinte. A tensão e a contenção da quinta bagatela remetem para um certo estatismo, que contrasta com a última parte da obra, um andamento cinético em que se destacam os *tremolos* e o recurso aos harmónicos. As Bagatelas foram publicadas em 1924 e a sua edição foi prefaciada por Schoenberg de forma elogiosa: “Estas peças apenas serão compreendidas por aqueles que partilham a fé de que a música pode dizer coisas que apenas podem ser expressadas em música. Que o silêncio soe por elas!”

O período dodecafónico serial de Webern teve início na década de 20. Nessa altura, era um director de coro e orquestra bastante requestado, uma tarefa absorvente que teve consequências no seu ritmo de escrita. Simultaneamente, deu aulas no Israelisches Blindeninstitut, uma instituição de ensino para judeus invisuais com sede em Viena. O **Trio op. 20** é a primeira obra inteiramente dodecafónica do compositor e marca um regresso de Webern à música instrumental de câmara. A sua instrumentação remete para um formato de trio de cordas amplamente cultivado no Classicismo,

onde se destaca o *Divertimento para trio de cordas* K. 563 de Wolfgang Amadeus Mozart.

Estreado em Viena, a 16 de Janeiro de 1928, o trio encarna diversas características das novas práticas serialistas. A imitação contrapontística, os *ostinati*, os jogos de pergunta-resposta e a contraposição de momentos estáticos a momentos cinéticos são alguns traços recorrentes na obra. No primeiro andamento do Trio podemos ouvir uma abordagem atomista ao som, em que as notas são individualizadas em altura, ritmo e timbre. O recurso a melodias angulares e a uma estilização da valsa vienense acentua esses elementos. A textura esparsa e etérea dá lugar a um andamento de maior densidade, no qual a interacção entre materiais musicais se intensifica. Paralelamente, os temas são condensados e distendidos caleidoscopicamente, exemplificando as técnicas de derivação de material sonoro do Webern serialista.

As técnicas dodecafónicas seriais permitiram aos compositores da Segunda Escola de Viena recuperar e estilizar macroformas mais tradicionais. Assim, geraram novos conteúdos para modelos estabelecidos, como as formas binárias e ternárias do Barroco e do Classicismo. Esse processo é particularmente notável em Webern, que conciliou o Modernismo fragmentário com técnicas canónicas do Renascimento e formas dos séculos XVIII e XIX. A génese do **Quarteto op. 28** deve-se a uma encomenda realizada a Webern por Elizabeth Sprague Coolidge, uma importante mecenas americana interessada em promover a música de câmara. A escrita da obra ocupou-o entre 1936 e 38, quando se dedicava principalmente à direcção de coros e orquestras. A estreia deu-se em Pittsfield (Massachusetts), a 22 de Setembro de 1938.

Dividido em três andamentos, o quarteto baseia-se numa série dodecafónica. Contudo, é uma série com características especiais, pois é construída sobre o motivo BACH (si bemol – lá – dó – si natural), utilizado por Johann Sebastian Bach em diversas obras, em particular *A Arte da Fuga*. Assim, um compositor modernista cuja abordagem se centrou em práticas canónicas homenageia um dos grandes contrapontistas da História da Música. O motivo BACH é cromático, o que abre portas a uma interessante exploração, em termos de simetria, de uma série dividida em três partes relacionadas entre si – sendo cada uma formada por quatro notas. O primeiro andamento consiste num tema e variações sobre a série. Contudo, a permeabilidade das secções aponta para uma composição de contínua variação sobre o material temático, e igualmente para uma forma de exposição-reexposição com coda. O andamento seguinte estiliza uma forma *scherzo – trio – scherzo*, na qual as secções extremas se encontram em forma de um cânone em que o *pizzicato* vai dando gradualmente lugar ao arco. O quarteto termina com um andamento mais livre e contrapontístico no qual pontificam as mudanças de textura e de carácter, enfatizadas por uma paleta tímbrica alargada.

JOÃO SILVA, 2018

## Arditti Quartet

**Irvine Arditti** *violino*

**Ashot Sarkissjan** *violino*

**Ralf Ehlers** *viola*

**Lucas Fels** *violoncelo*

O Arditti Quartet tem uma reputação mundial pelas suas interpretações espirituosas e tecnicamente refinadas de música contemporânea e do início do século XX. Várias centenas de quartetos de cordas e outras obras de câmara foram escritas para o agrupamento desde a sua fundação pelo violinista Irvine Arditti, em 1974. Estas obras deixaram uma marca definitiva no repertório do século XX e deram ao Arditti Quartet um lugar sólido na história da música. Compositores como Adès, Aperghis, Birtwistle, Cage, Carter, Dufourt, Dusapin, Fedele, Ferneyhough, Francesconi, Gubaidulina, Harvey, Hosokawa, Kagel, Kurtág, Lachenmann, Ligeti, Nancarrow, Rihm, Scelsi, Sciarrino e Stockhausen confiaram estreias mundiais da sua música ao quarteto, cujo repertório engloba integrais dos quartetos de cordas de inúmeros compositores.

O quarteto acredita que a colaboração próxima com os compositores é vital ao processo da interpretação de música moderna, procurando por isso trabalhar em conjunto com todos os criadores cujas obras aborda.

Os seus membros têm ensinado ao longo de muitos anos nos Cursos de Verão de Nova Música em Darmstadt e deram numerosas masterclasses e workshops para jovens instrumentistas e compositores de todo o mundo.

A extensa discografia do Arditti Quartet inclui actualmente mais de 180 CDs, incluindo uma série de 42 discos para a editora francesa Naïve Montaigne. Esta série apresenta obras de numerosos compositores contemporâneos

e também as primeiras gravações digitais da integral dos quartetos de cordas da Segunda Escola de Viena. Reconhecido pelos muitos discos monográficos gravados na presença dos compositores, o Arditti Quartet registou a integral dos quartetos de Luciano Berio, pouco antes da sua morte. Imortalizou em CD episódios lendários da história recente da música, como aconteceu com a gravação do espectacular *Quarteto de cordas com helicópteros* de Stockhausen.

Nos últimos 40 anos, o agrupamento tem recebido muitos prémios pelo seu trabalho, entre os quais o Deutsche Schallplatten Preis, várias vezes, e o Gramophone Award para a melhor gravação de música contemporânea em 1999 (Elliott Carter) e 2002 (Harrison Birtwistle). Em 1999 recebeu o prestigioso Ernst von Siemens Music Prize como prémio de carreira – que o coloca no patamar de outros vencedores tais como Berio, Britten, Carter, Ferneyhough, Lachenmann, Ligeti e Rihm, cujas obras foram tocadas pelo quarteto.

O Arditti Quartet esteve em destaque no Festival d'Automne em Paris, em Outubro de 2017, com estreias francesas de obras de Brian Ferneyhough (*Umbrations* para quarteto de cordas e ensemble), Salvatore Sciarrino (*Cosa resta* para contratenor e quarteto de cordas) e Mark Andre (*Miniaturen* para quarteto), bem como a estreia mundial de uma obra de Clara Janotta.

Em Abril de 2018 o quarteto fez uma estreia muito especial: uma nova versão do único quarteto de cordas de Pierre Boulez, *Livre pour quatuor*, com o quarto andamento completado por Philippe Manoury. A estreia ocorreu na Sala Pierre Boulez em Berlim.



— TRANSFORME O SEU —

# IRS EM MÚSICA

11	CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IRS/CONSIGNAÇÃO DO BENEFÍCIO DE 15% DO IVA SUPORTADO	
ENTIDADES BENEFICIÁRIAS		
INSTITUIÇÕES CULTURAIS COM ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA (artº 152.º do CIIRS)	X	507636295

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

